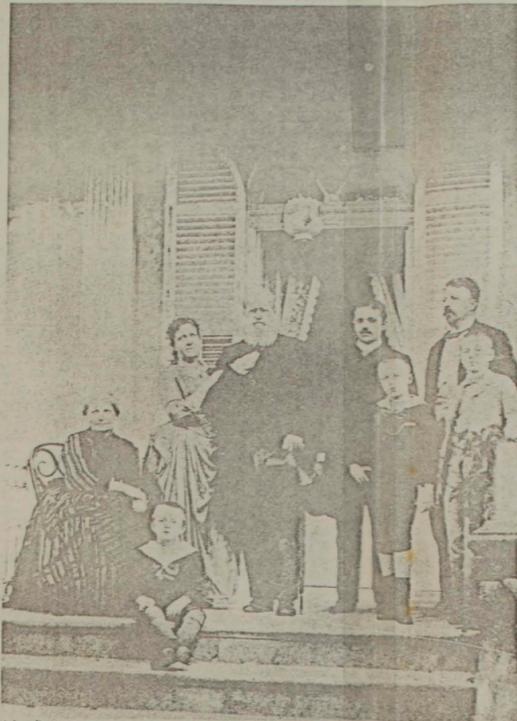


O cine Pathé, um flagrante do Rio antigo feito por Ferrez em 1918.



A família Imperial posando para Otto Hess em Petrópolis, ano de 1899.



Os vendedores de galinha eram assim em 1885, em outra foto de Ferrez.

# A memória fotográfica deste país

A leitura da Lei Áurea pela Princesa Isabel, o pequeno D. Pedro 2.º passeando de bicicleta, as primeiras estradas de ferro passando o Brasil ou a construção das primeiras fábricas, foram acontecimentos que não escaparam da mira dos mais conceituados fotógrafos brasileiros, durante o período do Império e os primeiros anos da República. Essas 150 fotografias retratando o período que vai de 1840 a 1920 são mostradas na exposição "Fotógrafos Pioneiros do Brasil", inaugurada ontem no Museu de Arte de São Paulo, e que permanecerá aberta até o dia 19 de outubro. Graças, é claro, ao neto de um dos fotógrafos mais importantes da época, Gilberto Ferrez, que reuniu durante anos de muita persistência, trabalhos de fotógrafos de todo o Brasil.

Na arte da fotografia o Brasil já esteve pelo menos vinte anos na frente de outros países do mundo. De acordo com Ferrez, "o Brasil inventou a fotografia com Hércules Florence em Campinas e muitos anos antes que os Estados Unidos e Europa, nós já abríamos as portas dos nossos museus a esse tipo de arte". Cabe também aos brasileiros a mudança do termo "daguerreótipo" para "fotografia". Ou as medalhas conseguidas durante a realização da Exposição Internacional do 1.º Centenário Americano, em Filadélfia.

Em outras palavras, isso significa que as fotos brasileiras sempre estiveram preocupadas em dar efeitos visuais perfeitos, harmonia de cores e tons dos mais precisos, enquadramentos cuidadosos e outras qualidades que só muitos anos mais tarde surgiram na produção fotográfica de outros países.

A ideia de exposição nasceu devido "à qualidade das fotos e o desconhecimento do Brasil pelos americanos, motivando o curador do Metropolitan Museum of Art, Weston J. Naef, a reuni-las numa exposição em New York", diz Gilberto Ferrez, historiador e membro do Instituto Histórico e Geográfico. "A princípio, eles queriam realizar uma exposição sobre a América do Sul, desconhecendo que existem diferenças gritantes entre os povos de língua espanhola e nós. Mas chegamos a um acordo e foi preciso começar desde o início".

Devido à falta de informação sobre o Brasil, Ferrez começou por ensinar um pouco da geografia brasileira aos americanos e assim foi concebida a exposição que os paulistas, pela primeira vez, verão: um mapa do Brasil localiza cada fotógrafo: onde nasceu, sua vida, além da obra fotográfica, através dos vários Estados.

Depois de percorrer várias cidades dos Estados Unidos, Ferrez resolveu exibi-las no Brasil "mesmo sabendo que as dificuldades seriam imensas", continua ele. "A começar pelo transporte dessas fotos, que já estavam prontas para uma mostra e que não poderiam chegar ao Brasil como eu as trouxe, debaixo do braço. Foi então que pensei no patrocínio de alguma entidade, pois para mim somente os gastos com o transporte seriam altíssimos. Agora, tudo está a cargo da Unibanco e da Varig, inclusive a edição pela Unibanco de um álbum reunindo essas fotografias, importantíssimas para a preservação da memória nacional".

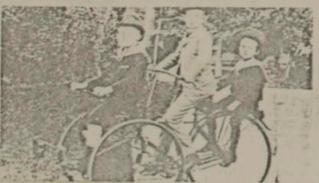
Este é o ponto mais doloroso para Gilberto Ferrez, que vem reunindo durante sua vida, todas as fotografias que pode, de épocas passadas, e não se conforma com o que foi e está sendo feito com obras, hoje valiosíssimas, dessa arte que nem sempre foi vista como arte.

"A destruição de fotos não é um problema apenas brasileiro, mas de todo o mundo. Nesses anos todos já vi obras roubadas, danificadas de maneira absurda e que deixaram um grande vazio na memória nacional. Como é que se pode registrar a fisionomia das cidades brasileiras, por exemplo, antes de 1930? Elas cresceram espantosamente e somente a fotografia seria capaz de registrar tal imagem. Ou então, como recompor a geografia da cidade do Rio de Janeiro, antes da construção desordenada dos edifícios? E nós temos falhas lastimáveis em nossa história. Além disso, a fotografia não registra somente a história, mas toda uma época social, com seus costumes, cenas urbanas e rurais, tipos populares e personagens célebres".

"Por outro lado, reunindo as obras do Instituto Geográfico e Histórico, da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e de coleções de particulares como a minha, que representa 80 por cento do que é exibido, além das obras de Louis Gray, Haskel Hoffenberg, o príncipe d. Pedro de Orleans e Bragança e o príncipe d. João de Orleans e Bragança, é possível reviver figuras importantes da nossa história e do período, como a Guerra do Paraguai. Este é um fato bastante pitoresco. Mesmo sendo difícil, na época, o trans-

porte de uma câmera fotográfica, foi possível a um fotógrafo brasileiro chegar até o Paraguai e fazer o seu registro da guerra".

O público paulista não que- riu o privilégio de visitar a exposição, que em seguida parte para o Rio de Janeiro, verá muitas produções igualmente interessantes. A maior parte de Marc Ferrez, avô de Gilberto Ferrez, fotógrafo contratado pela Família Real assim como tantos outros, para fotografar tudo o que lhes interessassem. Os outros 14 fotógrafos da mesma importância são Augusto Stahl, com suas fotos sobre as estradas de ferro no Brasil em imagens das mais atuais; A Coutinho, alagoano que retratou sua cidade natal, Ben R. Mulock com o

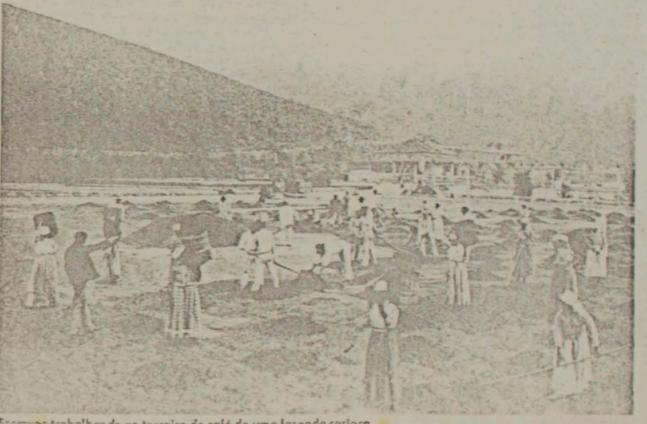


Os príncipes Luiz, Pedro e Antonio gostavam de passear no triciclo.

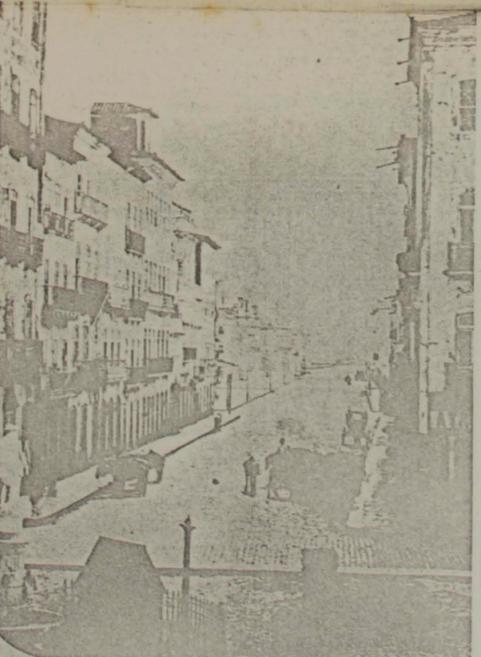
retrato da Igreja do Rosário, em Salvador, em 1859. Guilherme Willian Gaensly, Millião Augusto de Azevedo, A. Frish, J. Otto Hess, Victor Frond, Joaquim Insley Pacheco, Carneiro E Gaspar Studio, Augusto Henschel, Revert Henrique Klumb e Augusto César Malta, o primeiro a trabalhar em jornal, daí a presença de fotos mais sociais.

No registro de uma época estão desde o trabalho das metalúrgicas no Brasil, a escravidão através das fotos de Ferrez, os primeiros serviços de água, as pontes de arquitetura trabalhada das estradas de ferro ou as fazendas de Café. Ferrez, como fotógrafo da Família Real, é o responsável pelas belíssimas fotos do cinema Pathé, famoso na época da exibição do filme "Tom Mix", fotos da princesa Isabel e a rainha Tereza Cristina que "por um descuido" deixou-se fotografar de costas, o Conde D'Eu tocando piano e as primeiras xifopagãs que sofreram uma intervenção cirúrgica, Maria Francisca e Maria de Lourdes, em 1907.

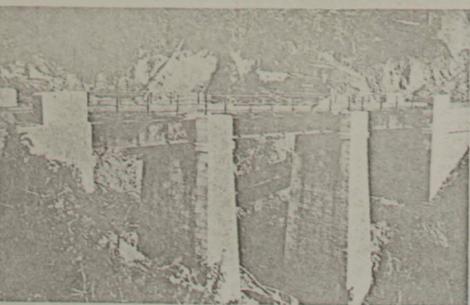
"Curiosidades sobre a época e o que não faltam", conclui Ferrez. "Sem dúvida, uma delas fica com a própria Família Real. Não dá para entender como é que eles possuíam para fotos como qualquer burguês da época, com um lenço de fundo branco e todos em pé, quando realmente para as mãos mágicas dos fotógrafos da corte."



Um trabalho de um fotógrafo de uma fazenda carioca.



A rua do Imperador, da Recife, fotografada por João F. Villela, em 1865.



A "maria fumaça" parou para ser fotografada na estrada Rio-Minas.

Intemporânea